

## CAPÍTULO UM

A HORA DO ALMOÇO NO refeitório dos funcionários da Frankenberg's chegara a seu auge.

Não havia lugar em nenhuma das longas mesas, e chegava cada vez mais gente que se punha a esperar atrás das divisórias de madeira ao lado da caixa registradora. As pessoas que já haviam pegado suas bandejas de comida erravam entre as mesas à procura de um lugar onde pudessem se espremer ou de uma vaga prestes a surgir, mas não havia lugar. A algazarra dos pratos, cadeiras, vozes, do arrastar de pés e o *pra-a-que-pra* das borboletas no salão de paredes desnudas pareciam o rumor de uma única grande máquina.

Therese comia nervosamente, com o livreto de “Boas-vindas à Frankenberg's” apoiado no açucareiro. Ela lera o grosso livreto na semana anterior, no primeiro dia do curso de treinamento, mas não tinha mais nada para ler e sentia que no refeitório dos funcionários era preciso ter alguma coisa em que se concentrar. Por isso leu de novo sobre os brindes em forma de férias, as três semanas de férias concedidas a quem já trabalhara quinze anos na Frankenberg's, e comeu o prato quente do dia – uma fatia acinzentada de rosbife com uma bola de purê de batata, coberta com molho marrom, um montinho de ervilhas e um pequeno copo de papel com rabanetes. Procurou imaginar como seria trabalhar quinze anos nas lojas de departamentos Frankenberg's e descobriu-se incapaz de fazê-lo. “Quem completa 25 anos de casa”, dizia o livreto, “tem direito a férias de quatro semanas.” A Frankenberg's também oferecia uma colônia de férias, no inverno e no verão. Deviam ter uma igreja

também, pensou ela, e uma maternidade. A loja era organizada de uma maneira tão parecida com uma prisão que, de vez em quando, sentia medo ao perceber que fazia parte daquilo.

Ela virou as páginas depressa e viu escrito em caracteres pretos garrafais, estendendo-se por duas folhas: “*Você* corresponde ao padrão da Frankenberg’s?”.

Olhou para as janelas do outro lado do salão e tentou pensar em outra coisa. No belo suéter vermelho e preto que vira na Saks e que talvez comprasse para Richard, como presente de Natal, se não conseguisse encontrar uma carteira de aspecto melhor do que as que já vira por vinte dólares. Na possibilidade de ir domingo com os Kelly a West Point, para assistir a um jogo de hóquei. A grande janela quadrada do outro lado do salão parecia um quadro de – de quem mesmo? – Mondrian. Com a pequena seção quadrada no canto dando para um céu branco. Sem a presença de nenhum pássaro que a invadisse ou deixasse de invadir. Qual o tipo de cenário que se faria para uma peça passada numa loja de departamentos? Ela voltara a si.

Mas a coisa é tão diferente no seu caso, Terry, dissera-lhe Richard. Você tem certeza absoluta de que sairá dentro de poucas semanas. E as outras não. Richard disse que talvez ela estivesse na França no próximo verão. Estaria. Richard queria que ela fosse com ele, e na verdade não havia nada de fato que a impedisse de ir. E o amigo de Richard, Phil McElroy, escrevera-lhe que talvez conseguisse arranjar um emprego para ela junto a um grupo teatral, no mês que vem. Therese ainda não conhecia Phil, mas tinha pouquíssima fé na sua capacidade de lhe arranjar emprego. Ela vasculhara Nova York desde setembro, voltara a vasculhar algumas vezes mais, e não achara nada. Quem daria emprego, no meio do inverno, a uma aprendiz de cenógrafa, mal entrada na aprendizagem do ofício? Também não acreditava na possibilidade de estar com Richard na Europa durante o próximo verão, sentada com ele nos cafés ao ar livre, caminhando junto com ele em Arles, encontrando os lugares que Van Gogh pintara, ela e Richard escolhendo as cidades onde parariam algum tempo para pintar. Isso parecia menos real durante esses últimos dias em que ela trabalhara na loja.

Ela sabia o que a incomodava ali. Era o tipo de coisa que ela não fazia questão de contar a Richard. Pois a loja intensificava coisas que sempre a incomodaram, toda vez que se lembrava delas. Eram os atos absurdos, as tarefas sem sentido que a impediam de fazer aquilo que ela queria, que poderia ter feito – aqui eram os procedimentos complicados em relação às bolsas, revistas de casacos e relógios de ponto, que chegavam a impedir que as pessoas trabalhassem com a eficiência de que seriam capazes –, a sensação de isolamento de todos em relação a todos, de viver em um terreno totalmente equivocado, de modo que o sentido, a mensagem, o amor, ou o apanágio, qualquer que fosse ele, de toda a vida, jamais podia encontrar sua expressão. Lembrava-lhe conversas à mesa, ou em sofás, com pessoas cujas palavras pareciam pairar sobre coisas mortas e paradas e que jamais faziam soar corda alguma. E que quando a gente procurava tocar uma corda vibrante, nos olhavam com a mesma máscara rígida de sempre, fazendo algum comentário tão perfeito na sua banalidade que a gente sequer conseguia crer que talvez fosse um subterfúgio. E a solidão, ampliada pelo fato de que na loja sempre se viam os mesmos rostos, dia após dia, os poucos rostos com quem a gente poderia falar, e jamais falou, ou jamais poderia falar. Diferente do rosto que passa no ônibus, parecendo querer exprimir algo, que a gente vê só uma vez e acaba desaparecendo para sempre.

Ela ficava pensando todas as manhãs, na fila do relógio de ponto no subsolo, distinguindo sem querer, com o olhar, os empregados permanentes dos temporários, como fora parar ali – responder a um anúncio, é evidente, mas isto não explicava o destino – e o que viria depois em vez de um emprego de cenógrafa. Sua vida era uma série de zigue-zagues. Aos dezenove anos, ela estava angustiada.

– Você precisa aprender a confiar nas pessoas, Therese. Lembre-se disso – dizia-lhe com frequência a Irmã Alícia. E frequentemente, bem frequentemente, Therese procurava pôr isso em prática.

– Irmã Alícia – sussurrou cautelosamente Therese, os fonemas sibilantes a consolá-la.

Therese se endireitou de novo e pegou seu garfo, porque o garoto da limpeza já vinha em sua direção.

Ela podia visualizar o rosto da Irmã Alícia, ossudo e avermelhado como pedra rosada quando o sol batia nele, e o volume azul e engomado de seu busto. A figura ossuda e grande da Irmã Alícia surgindo de um canto em um corredor, no meio das mesas brancas de laca do refeitório. A Irmã Alícia em mil lugares, com seus pequenos olhos azuis sempre a distingui-la entre as demais garotas, vendo-a de modo diferente, Therese sabia, de todas as outras garotas, mas com seus lábios rosados e descarnados formando a mesma linha reta de sempre. Ela lembrava da Irmã Alícia a lhe entregar as luvas de crochê verdes, embrulhadas em papel fino, sem sorrir, apenas dando-as diretamente a ela, com mal uma palavra, no seu oitavo aniversário. A Irmã Alícia lhe dizendo, com a mesma boca comprimida, que ela precisava passar em matemática. Quem mais se importaria se ela passasse em matemática? Therese guardara as luvas no fundo de seu escaninho de lata, no colégio, anos depois que a Irmã Alícia fora para a Califórnia. O papel branco murchara e silenciara ao manuseio como tecido antigo, e mesmo assim ela não usara as luvas. Acabaram ficando pequenas demais para usar.

Alguém mexeu no açucareiro, e o livreto apoiado desabou.

Therese olhou para o par de mãos do outro lado, mãos gorduchas, com sinais de envelhecimento, mãos de mulher, mexendo o café, agora partindo um pãozinho com trêmula intensidade, molhando gulosamente a metade no molho marrom, idêntico ao do prato de Therese. A pele das mãos estava rachada, havia sujeira nos sulcos dos nós dos dedos, mas a mão direita exibia um anel de prata filigranado, bem visível, com uma pedra verde-clara engastada, e a esquerda, uma aliança de ouro, e havia vestígios de verniz vermelho no canto das unhas. Therese observou a mão a levantar o garfo cheio de ervilhas e não precisou olhar para a cara para saber como ela seria. Seria igual a todas as caras das cinquentonas que trabalhavam na Frankenberg's, marcadas por um sempiterno pavor e exaustão, com olhos distorcidos atrás de lentes que os aumentavam ou diminuíam, e faces empoadas de *rouge* que não conseguia

abrilhantar a inexpressividade subjacente. Therese não conseguia olhar.

– Você é uma garota nova, não é? – a voz era aguda e nítida no meio da algazarra, quase uma voz cheia de doçura.

– Sim – disse Therese, erguendo os olhos. Ela se lembrava do rosto. Era o rosto cuja exaustão a fizera enxergar todos os outros rostos. Era a mulher. Therese a vira se arrastando pela escada de mármore abaixo, vindo do mezanino por volta de seis e meia de uma tarde, quando a loja estava vazia, escorregando as mãos pelos largos corrimões de mármore para aliviar um pouco o peso sobre seus pés cheios de joanetes. Therese pensara: ela não está doente, não é mendiga, apenas trabalha aqui.

– Você está se saindo bem?

E ali estava a mulher sorrindo para ela, com as mesmas rugas terríveis sob os olhos e em volta da boca. Seus olhos agora até que brilhavam, pareciam bastante afetuosos.

– Você está se saindo bem? – repetiu a mulher, pois aumentara a algazarra de vozes e pratos em torno delas.

Therese umedeceu os lábios:

– Estou, obrigada.

– Gosta daqui?

Therese assentiu com a cabeça.

– Acabou? – um rapaz de avental branco agarrou o prato da mulher com um polegar imperioso.

A mulher fez um gesto trêmulo de anuência. Puxou seu pires de pêssego em calda para ela. Os pêssegos escorregavam, como pequenos peixes viscosos e alaranjados, pela borda da colher toda vez que esta se levantava, exceto naquela em que a mulher conseguia comer.

– Eu fico no terceiro andar, no departamento de suéteres – disse a mulher com uma insegurança nervosa, como se estivesse procurando dar um recado antes que fosse interrompida ou que as separassem. – Vá lá em cima conversar comigo um dia. Meu nome é Robichek, Ruby Robichek, cinco quatro quatro.

– Muito obrigada – disse Therese. E de repente a feiura da mulher sumiu, porque seus olhos castanho-avermelhados, por trás

dos óculos, eram delicados e interessados nela. Therese podia sentir seu coração batendo, como se tivesse voltado a viver. Ela observou a mulher se levantar da mesa e observou sua figura baixa e atarracada se afastar até se perder na multidão que esperava atrás da divisória.

Therese não foi visitar a sra. Robichek, mas procurava por ela toda manhã quando os funcionários iam entrando aos poucos no prédio, por volta de quinze para as nove, e procurava por ela nos elevadores e no refeitório. Nunca a via, mas era agradável ter alguém para procurar na loja. Fazia toda a diferença no mundo.

Quase toda manhã, quando ela vinha trabalhar no sétimo andar, Therese costumava parar um pouco para olhar um determinado trem de brinquedo. O trem ficava isolado em uma mesa perto dos elevadores. Não era um trem grande e bonito como o que corria sobre o piso nos fundos da seção de brinquedos, mas havia uma fúria nos seus minúsculos e ativos pistões que os trens maiores não tinham. Sua raiva e frustração na linha oval fechada mantinham Therese hipnotizada.

*Ahrr rr rrrgh!* dizia ele ao se atirar cegamente dentro do túnel de papel machê. E *Orr rr rr rrrgh!* ao sair.

O trenzinho estava sempre correndo quando ela saía do elevador de manhã e ao acabar o trabalho de tardezinha. Ela achava que ele maldizia a mão que ligava seu interruptor todo dia. No solavanco de seu nariz ao dobrar as curvas, nas loucas disparadas pelas retas, ela percebia a atividade inútil e frenética de um senhor tirano. Ele rebocava três vagões Pullman com minúsculas figuras humanas, cujos rígidos perfis apareciam nas janelas, depois um vagão de carga aberto, com toras de madeira de verdade em miniatura, um vagão de carga de carvão, mas não de verdade, e um carro breque que estralejava nas curvas e se agarrava ao trem em fuga, como uma criança à saia de sua mãe. Era como algo ensandecido na clausura, algo já morto que jamais se cansaria, como as graciosas raposas de passos molejados no zoológico do Central Park, cujas pisadas complexas se repetiam infindavelmente ao voltarem nas suas jaulas.

Naquela manhã, Therese se afastou depressa do trem e seguiu adiante em direção à seção de bonecas, onde trabalhava.

Às 9h05, a enorme seção de brinquedos começava a dar sinais de vida. Retiravam-se os panos verdes das longas mesas. Brinquedos mecânicos começavam a jogar bolas para cima e barracas de tiro ao alvo pipocavam enquanto seus alvos giravam. A mesa dos animais da fazenda cacarejava e zurrava. Atrás de Therese tivera início um *ra-ta-ta-ta-ta* cansado, batidas de tambor do gigantesco soldado de lata que encarava energicamente os elevadores e tocava tambor o dia inteiro. A mesa dos modelos e de artesanato exalava um cheiro de massa fresca de modelar, que lembrava a sala de educação artística do colégio, quando ela era muito pequena, e também uma espécie de porão no terreno do colégio que os boatos diziam ser o túmulo de verdade de alguém, e entre cujas barras de ferro ela costumava enfiar o nariz.

A sra. Hendrickson, gerente da seção, tirava as bonecas das prateleiras do estoque e punha-as sentadas, com as pernas separadas, nos balcões de vidro.

Therese saudou a srta. Martucci, que estava em pé no balcão contando as notas e moedas de seu malote com tanta concentração que só pôde retribuir com um aceno mais acentuado de sua cabeça, que balançava ritmadamente. Therese contou 28, 50 dólares de seu próprio malote, registrou-os numa tira de papel em branco para botar no envelope dos recibos de venda e transferiu o dinheiro, arrumado pelo valor das notas e moedas, para a gaveta de sua caixa registradora.

A essa altura, os primeiros fregueses já saíam dos elevadores, hesitando um pouco com a expressão indecisa e um tanto espantada que as pessoas sempre demonstravam diante da seção de brinquedos, para depois tomar rumos incertos.

– Você tem bonecas que fazem xixi? – perguntou-lhe uma mulher.

– Eu quero esta boneca, mas com vestido amarelo – disse outra mulher, estendendo-lhe uma boneca, e Therese se virou e pegou a boneca que ela queria de uma prateleira do estoque.

A mulher tinha a boca e as bochechas parecidas com as de sua mãe, reparou Therese, bochechas com pequenas marcas encobertas por *rouge* rosa-escuro, separadas por uma boca descarnada cheia de linhas verticais.

– Todas as bonecas que bebem e fazem xixi são deste tamanho?

Não havia necessidade de técnicas de venda. As pessoas queriam uma boneca, qualquer boneca, para dar de presente de Natal. A coisa se resumia em se abaixar, tirar caixas em busca de uma boneca de olhos castanhos, em vez de uma de olhos azuis, chamando a sra. Hendrickson para abrir uma vitrine com sua chave, o que ela fazia a contragosto, quando se convencida de que determinada boneca não seria encontrada no estoque, em descer a passagem atrás do balcão para depositar uma boneca na montanha sempre crescente de caixas no balcão de embrulhos, que vivia desmoronando, a despeito das vezes que os rapazes do estoque vinham apanhar os embrulhos. Quase nenhuma criança vinha ao balcão. Supunha-se que Papai Noel é quem trazia as bonecas, um Papai Noel representado pelas caras estressadas e as mãos impacientes. E, no entanto, deve haver uma certa boa vontade em todas elas, pensou Therese, mesmo por trás dos rostos empoados das mulheres de *mink* e *zibelina*, geralmente as mais arrogantes, que compravam apressadas as bonecas maiores e mais caras, as bonecas que tinham cabelos verdadeiros e mudas de roupa. É certo que havia amor na gente pobre, que esperava sua vez e perguntava baixo quanto custava determinada boneca, sacudindo a cabeça com pena e indo embora. Treze dólares e cinquenta centavos por uma boneca de apenas 25 centímetros de altura.

– Podem ficar com ela – Therese gostaria de dizer-lhes. – É mesmo cara demais, mas vou dá-la para vocês. Frankenberg's nem vai notar.

Mas as mulheres nos casacos de pano baratos, os homens tímidos encolhidos dentro de agasalhos surrados já tinham ido embora, olhando tristonhos para os outros balcões enquanto seguiam de volta para os elevadores. Se as pessoas tinham vindo por causa de uma boneca, não queriam nada diferente. Uma boneca



constituía um presente de Natal especial, quase vivo, a coisa mais parecida com um bebê.

Quase nunca havia crianças, mas de vez em quando surgia uma, geralmente uma garotinha, muito raramente um garotinho, de mão firmemente dada a um dos pais. Therese mostrava as bonecas que ela achava que a criança gostaria. Tinha paciência, e finalmente determinada boneca causava aquela metamorfose no rosto da criança, aquela reação ao mundo imaginário que era a alma de tudo aquilo, e geralmente era a boneca que a criança levava.

Então uma tarde, depois do trabalho, Therese avistou a sra. Robichek em um café do outro lado da rua. Therese quase sempre parava ali para tomar uma xícara de café antes de ir para casa. A sra. Robichek estava nos fundos da loja, no final do longo balcão curvo, molhando um bolinho na sua caneca de café.

Therese abriu caminho empurrando entre a massa de garotas, bolinhos e canecas de café. Ao chegar ao lado da sra. Robichek, disse um alô no meio de um suspiro, virando-se para o balcão, como se uma xícara de café fosse seu único objetivo.

– Oi – disse a sra Robichek, com tanta indiferença que Therese se sentiu esmagada.

Therese não ousou olhar de novo para a sra. Robichek. E, contudo, seus ombros se roçavam apertados! Therese quase terminara seu café quando a sra. Robichek acabou dizendo:

– Eu vou tomar o metrô para o Independent. Será que conseguirei sair daqui? – estava com a voz cansada, diferente da que tivera no refeitório naquele dia. Ela agora se parecia com a velha encurvada que Therese vira se arrastando escada abaixo.

– A gente consegue sair – disse Therese, tranquilizando-a.

Therese abriu caminho à força para as duas até a porta. Therese também ia pegar o metrô para o Independent. Ela e a sra. Robichek se infiltraram na multidão lenta na entrada do metrô e foram inevitável e gradativamente sugadas pela escada de descida, como restos flutuantes pelo ralo abaixo. Descobriram também que ambas desceriam na estação de Lexington Avenue, embora a sra. Robichek morasse na 55<sup>th</sup> Street, logo a leste da

Third Avenue. Therese acompanhou a sra. Robichek até a delicatessen onde ela foi comprar alguma coisa para jantar. Therese poderia ter comprado algo também para o seu jantar, mas por algum motivo se viu incapaz de fazê-lo na presença da sra. Robichek.

– Você tem comida em casa?

– Não, mas vou comprar alguma coisa mais tarde.

– Por que não vem jantar comigo? Estou sozinha. Vamos lá – a sra. Robichek terminou com um dar de ombros, como se isso demandasse menos esforço que um sorriso.

O impulso de Therese de declinar polidamente durou apenas um instante:

– Obrigada. Gostaria sim – então ela viu um bolo embrulhado em celofane em cima do balcão, um bolo de frutas como um enorme tijolo marrom encimado por cerejas vermelhas, que ela comprou para dar à sra. Robichek.

Era um prédio como o prédio em que Therese morava, só que de pedra escura, mais triste. Os corredores não estavam iluminados, e quando a sra. Robichek acendeu a luz no vestibulo do terceiro andar, Therese reparou que o apartamento não era muito limpo. O quarto da sra. Robichek também não era muito limpo, e a cama estava desfeita. Será que ela se levantava tão cansada como na hora de deitar?, imaginou Therese. A sra. Robichek deixou-a sozinha no meio da sala, enquanto seguia arrastando os pés em direção à quitinete, carregando a sacola de compras que pegara da mão de Therese. Agora que estava em casa, ela se permitia demonstrar o cansaço que verdadeiramente sentia.

Therese jamais conseguiria lembrar como aquilo começou. Não conseguia se lembrar da conversa logo antes, e a conversa não importava, claro. O que aconteceu foi que a sra. Robichek afastou-se dela devagar, de modo estranho, como se estivesse em transe, murmurando de repente, em vez de falar, e deitou-se totalmente de barriga para cima sobre a cama desfeita. O murmúrio ininterrupto, o sorriso desbotado de desculpas, a terrível e impactante feiura do corpo atarracado e pesado, com a barriga saliente, e a cabeça

ainda inclinada a olhar para ela tão polidamente, faziam com que Therese não conseguisse se compelir a escutar.

– Eu tinha minha própria loja de roupas no Queens. Ah, uma bela loja – disse a sra. Robichek, e Therese sentiu o tom de bazófia, começando a ouvir a contragosto, detestando aquilo. – Sabe, vestidos com um V na cintura e botõezinhos de cima a baixo. Sabe, de três, cinco anos atrás – a sra. Robichek estendeu sem graça suas mãos rígidas em volta da cintura. As mãos curtas não chegavam a abarcar nem a metade anterior dela mesma. Ela parecia muito velha na luz fraca que enegrecia suas olheiras. – Chamavam-se vestidos Caterina. Lembra? Eu é que os desenhava. Saíram de minha loja em Queens. Ficaram célebres, sim senhora!

A sra. Robichek deixou a mesa e foi até uma pequena mala encostada na parede. Abriu-a, falando o tempo todo, e começou a tirar vestidos de tecidos pesados e escuros, que ela deixava cair no chão. A sra. Robichek ergueu um vestido vermelho-escuro com uma gola branca e pequeninos botões brancos que formavam um V na frente do corpete estreito.

– Olha, tenho uma porção deles. As outras lojas copiaram – por sobre a gola branca do vestido, que ela prendia com o queixo, a cabeça feia da sra. Robichek se inclinava grotescamente. – Você gosta? Eu te dou um. Vem aqui. Vem aqui, experimenta um.

Therese sentiu repugnância diante da ideia de experimentar um. Ela gostaria que a sra. Robichek voltasse a se deitar e descansar, mas Therese se levantou docilmente, como se não possuísse vontade própria, e se aproximou dela.

A sra. Robichek segurou um vestido preto de veludo contra Therese, com mãos trêmulas e prementes, e Therese percebeu de repente como ela atendia as pessoas na loja, empurrando suéteres em cima delas de qualquer maneira, pois não poderia realizar a mesma ação de maneira diferente. Quatro anos, lembrava Therese, era o tempo que a sra. Robichek dissera que trabalhava no Frankenberg's.

– Prefere o verde? Experimente – e no momento em que Therese hesitou, ela o deixou cair e pegou outro, o vermelho-escuro.